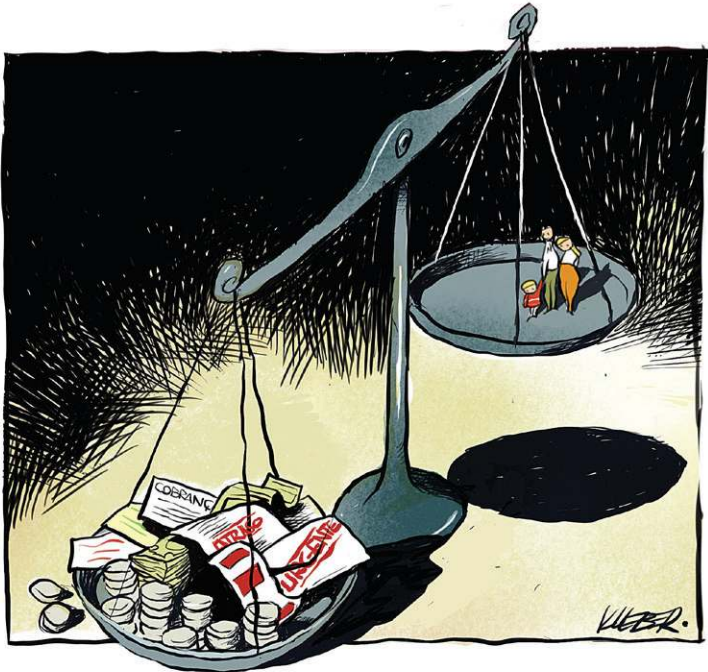




“Não desista de si mesmo. Então cometa um erro aqui e ali. Apenas divirta-se. Sorria. E continue com o batom.”

Diane Keaton



Endividamento das famílias no DF tem crescimento expressivo desde fevereiro

O percentual de famílias endividadas no Distrito Federal segue em alta desde março e alcançou 74,1% em setembro de 2025, o que representa 792.958 famílias com dívidas. Em agosto, eram 780.328 lares endividados e, em fevereiro, 703.502, o menor patamar desde agosto de 2020, ainda sob reflexo da pandemia.

Inadimplência em queda

Apesar do aumento no número de endividados, o cenário mostra alguns sinais de alívio. A inadimplência teve pequena queda: de 42,7% para 42,3%, somando 452.857 e 3.736 famílias a menos com contas em atraso. Já o número de famílias que não conseguiram pagar suas dívidas também diminuiu, passando de 17,8% para 17,2%, com 5.296 famílias readquirindo condições de pagamento, segundo pesquisa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC).

Força do setor público

A análise é de que a capacidade de pagamento das famílias está momentaneamente comprometida, mas longe de um cenário de descontrole. Isso graças ao peso positivo do setor público na economia local e à boa renda média do DF.

Cenário melhor que o do resto do país

Mesmo com a alta, o percentual de famílias endividadas no DF está 5,1 pontos abaixo da média nacional, enquanto a inadimplência é 11,8 pontos maior. O comprometimento da renda, por outro lado, está 7,8 pontos abaixo da média do país — um sinal de que o consumidor brasileiro ainda tem margem para reorganizar seu orçamento e manter as contas sob controle.

TCDF consegue aprovar na CLDF criação de 40 cargos

A Câmara Legislativa aprovou a criação de 40 cargos no Tribunal de Contas do Distrito Federal — 20 em comissão, de livre nomeação e exoneração; e 20 funções de confiança, privativas de servidor efetivo. A proposta contou com o aval de todos deputados presentes, exceto dos petistas Chico Vigilante e Gabriel Magno. A iniciativa do Projeto de Lei 1.805/25 é do próprio tribunal. O impacto financeiro da proposta será de aproximadamente R\$ 2,5 milhões neste ano, R\$ 4,9 milhões em 2026 e R\$ 4,9 milhões em 2027.

Integração Presidência da República, Softex e Fecomércio/DF pela inovação inclusiva

A Câmara de Inovação e Tecnologia da Informação da Fecomércio-DF recebeu representantes do Conselho de Desenvolvimento Econômico Social Sustentável (Conselhão), da Presidência da República, e da Softex, agência de fomento ao ecossistema tecnológico brasileiro. O encontro contou com a participação de conselheiros de diversas entidades e empresas do segmento e teve como objetivo alinhar estratégias de atuação para os próximos meses. Entre os temas em pauta, o combate à discriminação por meio de projetos de inovação e tecnologia, a valorização e a retenção de profissionais qualificados no Brasil, a inclusão feminina no setor e a integração desses temas à economia criativa.

Projeto Potências Negras

O coordenador-líder da Câmara de Inovação e TI, Christian Tadeu, que também é presidente da Softex, explicou que a presença do Conselho teve como objetivo detalhar o projeto Potências Negras e Tecnologia, da Presidência da República. A iniciativa busca promover a inclusão e o combate à discriminação racial por meio do desenvolvimento tecnológico voltado à transformação social.



Quando aproximamos o poder público do setor produtivo, criamos soluções mais eficazes e democráticas. A tecnologia é uma ferramenta poderosa para impulsionar o desenvolvimento econômico e social do país”

Olavo Oleto Alves, secretário-executivo do Conselho

Fecomércio



Inovação inclusiva

O vice-presidente executivo da Softex, Diones Lima, ressaltou que a colaboração entre as entidades representa um passo essencial para o avanço da agenda tecnológica brasileira. “Queremos transformar o Brasil em uma referência em inovação inclusiva, que gere oportunidades e desenvolvimento sustentável”, afirmou.

MPDFT constata 85% de conclusão nas obras do Autódromo de Brasília

A Procuradoria Distrital dos Direitos do Cidadão (PDDC) realizou vistoria técnica na revitalização do Autódromo Internacional de Brasília e constatou que 85% das obras já estão concluídas. A inspeção busca garantir que os trabalhos atendam aos padrões de segurança necessários para pilotos, equipes e público. Além da pista, estão em andamento as obras de revitalização das arquibancadas e da área coberta. O projeto prevê, ainda em 2025, a realização de licitação e contratação específicas para melhorias em espaços destinados ao público com o intuito de trazer mais mobilidade. Também está prevista a substituição de todos os alambrados internos e externos, por razões de segurança, e a construção de pistas de serviço para atendimento rápido em caso de acidentes.

MPDFT



Desenvolvimento econômico com eventos esportivos

“Nosso objetivo é garantir que este espaço seja não apenas um equipamento esportivo moderno, mas também seguro e acessível para todos. O Autódromo de Brasília tem potencial para impulsionar o desenvolvimento econômico, social, cultural e esportivo do Brasil”, destacou o procurador distrital dos Direitos do Cidadão, Eduardo Sabo (C).

COMPORTAMENTO / Em dois anos, DF teve queda de cerca de 2,3 mil nascimentos. O **Correio** conversou com moradores da cidade que optaram por não ter filhos e ouviu especialistas sobre causas e impactos dessa decisão

Uma capital com menos bebês

» NATHÁLIA QUEIROZ

“Eu nunca me entendi como uma pessoa que queria ter filhos”. O relato é da psicóloga Emanuelle Gomes, de 47 anos, moradora de Brasília, mas vem ecoando como um comportamento contemporâneo. Em meio a rotinas intensas, novos projetos de vida e prioridades diferentes, cresce o número de pessoas que escolhem não ter filhos, e, sim, sentem-se completas assim. E as estatísticas mostram que Emanuelle não está sozinha. Segundo dados da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil), no Distrito Federal, no ano passado, foram 43.875 nascimentos, ante 46.188 em 2023 — um número 2.313 menor, uma queda de aproximadamente 5% na natalidade. Já em 2025, foram 32.650 até a publicação da matéria. De acordo com o Censo 2022: Fecundidade e migração: Resultados preliminares da amostra, pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil apresentou uma taxa de fecundidade total de 1,55 filho por mulher em 2022, tendo o Distrito Federal como a unidade da Federação com a menor taxa, estimada em 1,38 filho por mulher. Emanuelle decidiu cedo que não queria ter filhos. “Sempre me foi muito claro que ter um filho é uma responsabilidade enorme. Nunca me senti disponível ou inclinada para isso”, diz a psicóloga que encontrou, no antigo casamento, um parceiro com o mesmo pensamento. Mas a escolha por métodos definitivos esbarrou em dificuldades. “Eu usava anticoncepcional, mas o uso prolongado de hormônio me preocupava, por causa do histórico de câncer de mama na família”, conta. Ela conta que ouviu muitas

Bruna Gaston CB/DA Press



Emanuelle Gomes, 47, decidiu cedo que não queria ter filhos e tinha vontade de fazer laqueadura



Sempre me foi muito claro que ter um filho é uma responsabilidade enorme. Nunca me senti disponível ou inclinada para isso”

Emanuelle Gomes, psicóloga

negativas de médicos para realizar o procedimento de laqueadura. “Eu tinha a idade mínima e, mesmo mostrando a lei, muitos médicos se recusavam. Diziam que era mutilação, que poderiam ser processados”, desabafa. A alternativa veio com a vasectomia do seu, à época, marido. “Era um procedimento simples, ambulatorial. Ele fez e tudo correu bem. Com isso, pude parar de tomar a pílula. Foi libertador”. Para ela, o processo evidenciou um contraste: “Para os homens, o processo é mais simples. Não tem o mesmo estigma, o mesmo julgamento”.

Disparidade cultural

A fala de Emanuelle encontra voz nos números. Os dados da Secretaria

de Saúde do DF refletem essa contradição. Embora a vasectomia seja um procedimento mais simples e menos invasivo, ela é bem menos realizada do que a laqueadura. De acordo com a SecArpenia de Saúde, em 2023, foram 1.357 vasectomias contra 1.789 laqueaduras. Em 2024, a distância aumentou: 1.073 vasectomias e 2.645 laqueaduras. E até junho deste ano, foram 1.560 laqueaduras contra 481 vasectomias.

Segundo a neuropsicóloga Keli Vieira, essa disparidade não é só técnica ou médica, é também cultural. “Ainda vivemos em uma cultura fortemente marcada por normas sociais que associam a realização pessoal à parentalidade. Existe uma expectativa coletiva — muitas

vezes inconsciente — de que formar uma família inclui, obrigatoriamente, ter filhos.”

A especialista explica que, diante desse cenário, a escolha pela não maternidade é frequentemente deslegitimada. “Quando alguém diz que não quer ter filhos, especialmente em idade reprodutiva, essa escolha costuma ser lida como ‘provisória’. É comum escutar frases como: ‘Ah, isso é fase’, ‘Você vai mudar de ideia quando encontrar a pessoa certa’ ou ‘É quando envelhecer, quem vai cuidar de você?’. Tais respostas refletem mais o desconforto social diante do que foge do esperado do que uma real escuta da autonomia do sujeito.”

Embora a decisão das mulheres costume ser mais questionada, há também homens que optam pela esterilização voluntária, ainda que, na maioria das vezes, não tenha o mesmo peso social. É o caso de Victor Goodman, 27, que tomou a decisão de não ter filhos ainda na adolescência. “Com uns 17 anos, eu já falava que não queria ser pai”, relembra. Na época, faltavam condições financeiras e ele não estava em um relacionamento, mas seu pensamento era firme: queria conquistar sua independência, ter uma casa, um carro, se aposentar com dignidade, e percebia que, para ele, ter filhos dificultaria ainda mais esse caminho. “Eu só via o custo de vida subindo. Se sem um filho já é difícil, imagine com”, desabafa. A vasectomia veio quase 10 anos depois, quando teve condições de pagar pelo procedimento.

Pós-pandemia

Onúmero de nascimentos no Brasil também segue em queda, de acordo com a Arpen: foram 2.525.095 em 2023 e 2.355.481 em 2024 — até setembro deste ano, somam 1.747.789. O economista Renan Silva, professor do Ibmec, aponta o aumento do



“Ainda vivemos em uma cultura fortemente marcada por normas sociais que associam a realização pessoal à parentalidade. Existe uma expectativa coletiva — muitas vezes inconsciente — de que formar uma família inclui, obrigatoriamente, ter filhos”

Keli Vieira, neuropsicóloga

custo de vida, a precarização do trabalho, a alta dos juros, a dificuldade de acesso à moradia e a falta de políticas públicas como fatores determinantes. “Essa conta não fecha, então, nós temos que respeitar a sabedoria da população que está vendo que está inviabilizado um projeto, por exemplo, de família”, afirma o especialista.

Ele também ressalta que, após a pandemia de covid, as pessoas passaram a ter inseguranças ainda maiores. “Na medida em que as pessoas passaram a ter a percepção que o seu negócio pode realmente desaparecer da noite para o dia e você ficar totalmente desprovido de renda, fez com que as pessoas entrassem no campo maior de insegurança. Houve uma taxa de mortalidade muito elevada e isso fez com que as pessoas pensassem duas vezes realmente em ampliar as suas famílias”, argumenta Silva.